

1 Pedro **Ser servo, sendo livre.**

Em nosso último encontro estivemos meditando sobre o tema: **Por causa do Senhor...** Temos todos os tipos de motivações. Quão difícil é sair da cama num dia frio, mas o desejo de tomar algo quente nos motiva a levantar. Nem sempre o trabalho nos é agradável, mas as contas tem que ser pagas, então mãos a obra.

Temos vários tipos de motivações, porém muitas vezes nos esquecemos da motivação maior que deveria nos levar a agir...

1 Pedro 2:13 Por causa do Senhor, sujeitai-vos a toda instituição humana...

Fomos criados para a glorificação do Senhor e essa deveria ser a nossa maior motivação. Nem sempre os que detém o poder fazem o que deveria ser feito. Nos decepcionamos com pais, líderes religiosos e figuras de autoridade, quando neles confiamos como figuras humanas. Porém quando, dentro de princípios bíblicos, nos submetemos às mesmas autoridades constituídas sobre nós, glorificamos a Deus. Tenhamos sempre em mente que nenhuma autoridade existe, que não tenha sido constituída por Deus; mesmo aquelas que não entendemos.

Glorifique a Deus também nesta área, sempre com inteligência e sabedoria...

Ser servo, sendo livre - Abra a Palavra de Deus...

1 Pedro 2:15 Porque a vontade de Deus é que, praticando o bem, façais calar a ignorância dos insensatos.

Mais uma vez o imperativo aparece. A vontade de Deus não é algo questionável, mas o alvo de nossa obediência e como toda ação tem uma consequência.

Esse texto fez história nos contextos políticos, em lugares onde a influência cristã era marcante nos negócios do Estado. Infelizmente isso ocorreu de uma forma ruim, porque muitas vezes com um entendimento errado foi usado para acobertar governos francamente contrários a se deixarem dirigir realmente pela busca da vontade de Deus. Está em vista aqui o dado mais fundamental da ética cristã: a vontade de Deus, que o autor nos apresenta como sendo a prática do bem. A vontade de Deus...

Como o evangelho de Cristo não é uma nova lei, a vontade de Deus não é prescrita detalhadamente, à maneira do farisaísmo judaico. (Faça isso e não faça aquilo).

Ela é enunciada de forma geral como a prática do bem, e os próprios cristãos é que terão de discernir em cada caso o que isso significa, e qual a atitude correta e específica a ser tomada. (Faço o que quero então? O E.S.)

Há riscos nisso, mas trata-se do risco da liberdade, liberdade que existe onde se encontra o Espírito de Deus. **2 Coríntios 3:17 Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.**

Semelhantemente da definição de fé (vários tipos de fé existem), aqui o contexto específico que se fala da vontade de Deus é o da vida na sociedade e das relações interpessoais. (assunto principal desta carta em estudo)

Praticando o bem, faremos emudecer a ignorância dos insensatos, que são os mesmos citados anteriormente e que estão falando mal deles.

1 Pedro 2:11-12 Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma, mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfetores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação.

Emudecer é “tapar a boca”.

A conduta dos cristãos se comprovará de forma tão evidente, que não haverá necessidade de defesas, mostrando assim a ignorância daqueles que não a reconhecem.

Isto nos mostra que há os que mesmo diante de nosso agir, não reconhecerão como boa a conduta dos cristãos (esses podem ser a grande maioria dentro da sociedade).

O termo ignorância já havia aparecido em **1 Pedro 1:14 Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância;** descrevendo lá a condição em que se encontravam os próprios crentes antes da sua conversão a Cristo. Ignorância, então, é a própria condição em que se encontram os seres humanos sem Cristo, vivendo como escravos das mais diversas paixões.

1 Pedro 4:2-3 Para que, no tempo que vos resta na carne, já não vivais de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus. Porque basta o tempo decorrido para terdes executado a vontade dos gentios, tendo andado em dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e em detestáveis idolatrias.

Há outro texto, mas de autoria de Paulo que define a vida dos não-cristãos como “ignorância”.

Efésios 4:17-19 Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração, os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza.

O texto deixa aberta, então, a possibilidade de que, nessa ignorância, não só as pessoas da sociedade, mas também os governos ímpios tratem mal os cristãos, independentemente de seu modo de agir.

Além de ignorantes, são também descritos como insensatos.

Este é um conceito muito usado especialmente em Provérbios, designando aquelas pessoas destituídas de bom-senso suficiente para proceder de modo adequado.

Tudo isto se deve ao fato de que eles não conhecem a Deus e não se preocupam com a Sua vontade.

1 Pedro 2:16 Comportai-vos como homens livres que sois, sem usar da liberdade que tens para encobrir a vossa maldade, mas vivendo como servos de Deus.

O vs. 16 continua a frase iniciada no vs.15. À primeira vista, não parece haver uma relação bem clara na sequência do pensamento. A introdução do tema da “liberdade humana” parece mudar o assunto.

Contudo, logo se começa a perceber a ligação do pensamento que expressa a relação entre submissão a Deus e a liberdade humana nessa submissão.

O texto faz uma constatação de fundamental importância: como livres que somos.

Gálatas 5:1 Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão.

O ensino cristão inicia a libertação do homem de toda forma de escravidão que o subjugava e este não pode ser um aprendizado legalista ou imposto.

É devolvido às pessoas o direito à liberdade (como vimos antes, sem Cristo todos se encontram escravizados por todo tipo de paixões).

Os “livres” eram trabalhadores não-escravos que, no entanto, não tinham plenos direitos de cidadãos (forasteiros e peregrinos).

O sentido aqui é o da liberdade que usufruem os cristãos com relação à sociedade e às autoridades. A sua decisão de um viver honrado e submisso é uma decisão voluntária de pessoas livres, e nessa mesma liberdade está o limite de sua submissão.

Após a declaração da liberdade dos crentes, vem agora uma exortação quanto ao uso ou exercício dessa liberdade. Essa exortação é dupla, com uma parte negativa e uma positiva. Primeiramente, a negativa: **sem usar da liberdade que tens para encobrir a vossa maldade**. Encobrir se refere a um véu, tal como as mulheres na época usavam. Agir com maldade é o que assim define os limites da liberdade, pois ela é para o bem. No instante em que a liberdade tende para o mal, deixa de ser liberdade e se torna em escravidão.

O sentido exato de maldade aqui deve estar ligado tanto às paixões de que falam várias passagens da carta, como à má conduta no âmbito da sociedade.

Vemos assim que a liberdade está condicionada à atitude diante do próximo, e que nunca ela pode ser pretexto para se atravessar o limite da liberdade e da dignidade das outras pessoas. O meu direito acaba, onde começa o do meu próximo.

Liberdade num contexto de maldade se torna em libertinagem.

Como vemos em algumas cartas de Paulo este era um risco mesmo entre os cristãos.

Romanos 6:1-2 Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?

O exercício responsável da liberdade não é assim tão fácil.

As paixões interiores podem se sentir sem amarras que as limitem, e assim, liberadas, voltar a escravizar a pessoa.

Por isso, só uma exortação negativa não é suficiente; não é conseguindo dominar-se a si próprio que a pessoa será livre. (não temos forças em nós).

Salmos 28:7 O Senhor é a minha força e o meu escudo; nele o meu coração confia, nele fui socorrido; por isso, o meu coração exulta, e com o meu cântico o louvarei.

A verdadeira liberdade supõe uma outra atitude: ser servos de Deus.

Tiago 4:7 Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.

Temos aqui uma aparente contradição: Como se pode dizer que alguém é livre e servo ao mesmo tempo? Não são as duas posições irreconciliáveis?

Conforme Paulo em Gálatas 5:1-15: o cristão é livre para servir!

A relação entre os dois conceitos pode ser entendida como: à medida que alguém é servo de Deus, é livre; e à medida que não aceita ser servo de Deus, é escravo.

A liberdade, então, em termos absolutos, é uma ilusão.

Liberdade é um conceito relacional, e a relação é com a posição da pessoa diante de Deus, o que também irá determinar a relação dela com o mundo e com as outras pessoas.

Fora de Deus, então, a liberdade não é possível.

Ser plenamente consagrado a Deus é ser plenamente livre.

Algumas conclusões disso no nosso estudo são: a supremacia de Deus sobre as autoridades humanas (que são, assim, “desdivinizadas”), a relatividade da submissão às autoridades humanas (em primeiro lugar a submissão a Deus), a participação na ordem da sociedade como uma obrigação do cristão, movido justamente pela sua relação com Deus.